

## Coluna do Castelo

### Como Sarney vê a dissidência

O presidente José Sarney diz-se preocupado com a reestruturação do quadro partidário, fato que considera muito importante para o equilíbrio do sistema democrático. Entende ele que se a dissidência do PMDB conseguir formar um grande partido isso importaria em dar à esquerda nacional, com base sobretudo em São Paulo, um comando responsável, que a liberaria da corrosão provocada pelos grupos radicais oriundos da luta armada e de outras formas de rebeldia, os quais, embora adotando formas leais de ação, não assimilam na sua essência o regime democrático.



Nesse esquema, o PMDB, que sobreviveria em torno da liderança do deputado Ulysses Guimarães e da grande maioria dos governadores, notadamente os de São Paulo, Minas e Paraná, permaneceria como um partido de centro-esquerda apto a aglutinar poderosas forças empenhadas no desfecho tranqüilo da transição e a participar com segurança e possibilidade de êxito da sucessão presidencial da República. Os dois partidos dariam a espinha dorsal do novo quadro resultante do processo de implantação e estabilização da nova democracia brasileira. Os grupos ideológicos radicais teriam seus canais próprios de manifestação e atuação sem perturbar a ação das grandes vertentes da opinião nacional.

A dissidência do PMDB, liderada em São Paulo pelo ex-governador Franco Montoro e os senadores Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e Severo Gomes, tende a situar a formação do novo partido como episódio relacionado com a sucessão presidencial e não propriamente com o pleito municipal deste ano. As prévias de São Paulo confirmaram o domínio do governador Orestes Quércia no PMDB, conquistado sob o governo Montoro e agora ampliado. Os dissidentes não pretendem participar da convenção nacional do dia 5 de junho, a qual o sr. Ulysses Guimarães gostaria de realizar somente depois de promulgada a Constituição, o que, na sua previsão, acontecerá dentro de 60 dias. O governador Quércia, que mandou eleger para o diretório representantes da dissidência, está ansioso por uma definição, a qual o ajudaria a reformar os quadros da sua administração. Deixarão o governo de São Paulo secretários de Estado, diretores de bancos e altos funcionários indicados pelos atuais dissidentes, eliminando-se toda e qualquer ambigüidade.

A dissidência, no entanto, examina o quadro tendo em vista a legislação que se prepara para o pleito municipal e seu interesse no plano nacional. Não se pretende pedir aos governadores Waldir Pires, Miguel Arrais e Pedro Simon uma definição imediata, pois estão certos os senadores paulistas de que esses personagens, na sucessão presidencial, não ficariam com a candidatura Quércia mas com a candidatura representativa da esquerda nacional. São Paulo, como se sabe, é o núcleo da sucessão presidencial. Na dissidência há três candidatos, os srs. Montoro, Covas e Cardoso, e, no PMDB, há a candidatura natural do sr. Ulysses Guimarães e a candidatura Quércia, definida como "regra modernizadora" do partido.

Hesita ainda a dissidência quanto à disputa de algumas prefeituras-chave, como as de São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba. Ela tanto pode tentar a legenda do PMDB como, conforme a nova lei, disputar com legenda própria, prevista pelo deputado Pimenta da Veiga. Em São Paulo, o sr. Jânio Quadros, embora sem considerá-la eleitoralmente boa, apoiará a candidatura do sr. Leiva, escolhida pelo governador.

### Um aniversário feliz

O presidente José Sarney teve um dia feliz, na passagem, domingo, do seu aniversário natalício. Ao contrário do que ocorreu no ano passado, quando a comemoração foi feita por pequeno grupo de amigos, este ano o Palácio da Alvorada, sem convites prévios, acolheu mais de 600 pessoas. Os telefones da residência oficial estiveram ocupados o dia todo. Eram geralmente pessoas do povo que manifestavam solidariedade e simpatia pelo presidente ou protestavam contra injustiças que estariam sendo praticadas contra o sr. José Sarney.

Bem humorado, o presidente, cercado pela família, comentava que a CPI do Senado conseguira fazer o que seu serviço de comunicação social e de imprensa não conseguira ao longo desses anos: mobilizar sentimento popular em seu favor, traduzido em milhares de mensagens recebidas durante o dia e a noite. Antecipadamente, o presidente comovera-se, na sexta-feira, com a visita de D. Sarah Kubitschek, que há 26 anos não entrava no Alvorada e ali fora, em companhia de Niemeyer e Aparecido, cumprimentar o presidente. Ela reclamou da escada posta ao lado da rampa. "Vou mandar tirá-la. A casa é sua", disse o presidente. Uma mensagem do prefeito Jânio Quadros, de felicitações e de solidariedade, na qual se referia de maneira pouco lisonjeira à CPI do Senado, provocou um convite do sr Sarney ao prefeito de São Paulo para um jantar, esta semana, em Brasília.